

Exórdio à filo-literatura de Camus: o estranhamento do cotidiano

Exordium to Camus' philo-literature: the estrangement of the ordinary

FERNANDO ALVES GRUMICKER¹

Resumo: Visando as relações entre filosofia e literatura, especialmente a construção literária como uma maneira tanto de colocar problemas filosóficos e evidenciá-los, quanto de fomentar uma descrição de tais problemas em forma de literatura, que decorrem da relação entre dois campos do qual Albert Camus faz parte. Camus não apenas relaciona duas áreas, mas coloca suas personagens como a expressão da atmosfera pela qual as questões são eminentemente vivenciadas pela maneira em que a oposição entre homem e mundo se evidencia. A filosofia escrita em uma forma de literatura deve se contentar com a descrição, colocando e narrando em sua sucessão os problemas como questões de interesses existenciais, portanto, a literatura não explica, mas descreve, e são nas descrições de Camus e de suas questões em vivências que uma filo-literatura emerge como uma descrição que mostra a face do absurdo e dos limites explicativos.

Palavras-chave: Filosofia. Literatura. Camus. Estranhamento.

Abstract: Aiming at the relations between philosophy and literature, particularly the literary construction to both pose philosophical problems and highlight them, as well as foster a description of such problems in the form of literature, which stem from the relationship between two fields in which Albert Camus is a part. Camus not only relates these two areas but also positions his characters as the expression of the atmosphere through which the questions are profoundly experienced by the way in which the opposition between man and the world becomes evident. Philosophy written in a literary form must be content with description, placing and narrating the problems in their succession as matters of existential interest. Therefore, literature does not explain but describes, and it is within Camus' descriptions and his questions in lived experiences that a philo-literature emerges as a description that shows the face of the absurd and the limits of explanation.

Keywords: Philosophy. Literature. Camus. Estrangement.

I

Toda a atmosfera absurda que Camus postula é dialética, e por não se tratar de um objeto, de um estado de coisas (tampouco é, evidentemente, um "fato", enquanto uma proposição de alegação sobre a organização mecânica dos objetos da experiência ou uma tese de cunho naturalista), o absurdo carrega consigo um certo torpor atmosférico das relações entre o sujeito e o mundo, uma vez que é o mundo uma totalidade de entes limitados e dados na experiência externa. O

¹ Graduado e Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Membro do grupo de pesquisa Quiasma: Filosofia, Ciência e Arte (Cnpq). E-mail. grumickerfernando@gmail.com

absurdo que Camus descreve é, antes de tudo, uma relação entre o mundo limitado e o seu observador, que participa do mundo enquanto se relaciona com ele e na medida em que possui consciência de que tal relação é negativa, suas personagens são a expressão da subjetividade individual que carrega consigo a oposição da determinação material. De um lado, se encontra o sujeito individual, de outro lado, a determinação do mundo enquanto uma totalmente causal. Tal caráter egoísta da individualização que é ao mesmo tempo a percepção do sujeito enquanto uma caracterização isolada do mundo, é que traz consigo a relação negativa entre um mundo que é o cenário fenomênico das ações individuais, e de uma consciência subjetiva.

Os desenlaces da expressão do ideal na estética hegeliana em formas de artes particulares caracterizam nitidamente a individualização do sujeito como a expressão da arte romântica, entre elas, nas expressões poéticas e literárias, como o *Werther* de Goethe às obras de Kafka na modernidade, a personagem é o único foco de lucidez em uma subjetividade individualizada; é certo que a figura de Ulisses e Aquiles em Homero, assim como as tragédias da antiguidade clássica possuíam este caráter, mas na medida em que eram mediados pelos deuses, e pelo destino, a alma da obra isolada recebia um ideal concreto, e na oposição entre o conteúdo da espontaneidade subjetiva do artista e a sua representação que o ideal permanece abstrato, concretizado apenas na medida em que ganha uma forma, de maneira que eram resididos nos eventos e ações em uma lógica do destino, intermediada pelos deuses olímpicos, que o conteúdo da arte clássica esgota-se no ideal abstrato como uma representação concreta, os deus como caracteres individualizados, ganham uma personalidade antropocêntrica, a unidade entre conteúdo e forma representada, leva a perturbação da unidade do ideal como um fenômeno da representação externa.

Mas a arte da mitologia clássica, não expressa a unidade humana, tampouco o caráter do divino sem o perturbar com uma representação em uma forma concreta e limitada. No entanto, a expressão romântica, nomeadamente moderna, faz do próprio humano o conteúdo da sua representação, onde seu destino depende dele, e se encontra à mercê de suas próprias ações, concebido em uma

individualidade subjetiva e particularizado como uma determinação corpórea e material. Estamos tratando de um conceito central: a *contingência*.

A arte proporciona encanto aos detalhistas e aos estetas. Como uma flor plantada na borda de um túmulo no cemitério, mas em movimento, por mais bela que a natureza lhe tenha produzido, está sujeita à degradação, à deterioração natural do qual todo corpo é vítima e todo espírito repudia; sendo a degradação das limitações naturais a oposição absoluta do que consiste das aspirações imateriais e o desejo de eternidade, o que é o absurdo entre o um ator e o seu cenário imediato.

Assim vemos a personagem de Camus em *O Estrangeiro*, quando morto por um destino criado por si mesmo, para o leitor, aparece como um epitáfio de ações, mas que não apresenta uma moralidade, porque os epitáfios servem para manter acessa na memória o desenvolvimento da vida individual e concreta, quando não esquecido; já os gregos concebiam a ideia da morte como a porta da história, era na memória dos que ficam que a eternidade dos que se foram era concebida, assim como a morte de um ente, se dá como um fato objetivo.

Junto da coloração multiforme da flor, que ganha contrastes nítidos com os vestidos negros de mulheres e os sapatos escuros dos homens no romance de Camus. Por um lado, ela é o símbolo da decadência natural, da beleza que se perde e da vivacidade que o tempo furta. Por outro lado, é a representação limitada do imediato e da beleza ainda presente. Traz consigo a oposição do negativo limitado e do positivo da beleza em sua determinação.

Se é verdade, como diz Camus, que na literatura o absurdo é a revolta que escreve, e o desespero que o formula², não podemos deixar de constatar o contraste entre um mundo concreto e o estranhamento do espírito individual. Porque os apaixonados entregam flores, e possuem consciência da degradação da beleza, sabem da contingência e da arbitrariedade do mundo que não abriga a sua elevação individual. Mas naquele momento em que a flor é entregue, a beleza ainda deve existir, e a ação mostra que é a vida um acidente material ligados às mesmas regras

² CAMUS, Albert. O mito de Sísifo, 2019, p. 131

da decadência. Como Cristo representando o divino, nega a natureza, porque abriga o sofrimento, a dor, o mártir, e apenas a consciência subjetiva que pode possuir alguma liberdade.

Porque se algo possuir valor absoluto, deve estar fora do mundo, onde o sujeito deve negar a sua determinação natural e se voltar para a própria consciência, para a elevação individual em um mundo que ele não controla, em uma época que lhe afeta, diante da própria consciência da beleza limitada ao material e as transformações regradas da determinação mecânica; eminentemente repudia tudo o que não é necessário, revolta-se contra as cadeias naturais que o prendem à experiência imediata e às misérias da existência finita. Existiria algo mais do que exterioridade concreta? Esta é uma questão que as personagens lúcidas de Camus negam.

Porque, a flor, como o crisântemo quando é plantado, carrega a memória da degradação natural da qual ele faz parte, como uma beleza colorida em oposição ao sono e à escuridão; em memória do homem que faz parte da decadência do próprio mundo natural como criatura corpórea, e parte da sua civilização sujeita à arbitrariedade de sua época.

Porque foi Deméter que demonstrou ao homem a agricultura e deu origem a uma civilidade moral coletiva, já que o fogo de Prometeu não poderia dar a ele a consciência da manipulação natural, apenas ela que traria como consequência a consciência da liberdade da sua vida coletiva e subjetiva como negação direta da determinação material. A consciência da limitação e da determinação mecânica natural, nos torna evidente neste cenário a oposição entre a liberdade do espírito acorrentado, compreensão peremptória, precisamente dividida entre a representação interna e a experiência concreta como duas faces de só uma realidade da qual Sísifo faz parte. Se na mitologia a condenação era regrada pelas relações ctônicas e olímpicas, na modernidade representa a subjetividade individual condenada à liberdade da consciência.

Assim, o crisântemo como flor plantada, assim como o homem, é símbolo daquela oposição entre a determinação da natureza e a degradação da beleza, e embora o belo enquanto corpo natural é manifesto, não pode ultrapassar a

materialidade, assim como o homem enquanto criatura de fenômeno corpóreo é consciente da liberdade da vontade, mas não pode deixar se sujeitar às contingências totais da natureza, está ligado a ela, e não escapa da degradação, do sofrimento, das próprias paixões e da morte. Toda a relação mecânica e natural da determinação material enquanto uma objetividade concreta não ultrapassa o sujeito e tampouco o explica. A literatura descreve o mistério que escapa ao método científico, onde a explicação chega a um limite.

Deste modo, a questão da *ação* do indivíduo livre entorno da determinação do mundo se torna a questão decisiva, uma vez que a determinação mecânica dos fatos isolados do mundo não fornecem uma explicação da razão do sujeito no mundo, tampouco uma moral decisiva. Qual a tarefa a ser cumprida na vida? Buscamos uma resposta, mas a determinação causal apenas é o meio pelo qual o indivíduo se expressa, se mantendo alheio, consciente de si, qual Sísifo acorrentado ao seu destino, mas isolado em sua consciência, das arbitrariedades e contingências das relações causais, entre a subjetividade e a determinação em sua relação: o mundo é a totalidade concreta do cenário em que o ator se encontra separado.

206

II

Em *O estrangeiro*, o absurdo propriamente dito decorre dentro de estágios, — do estranhamento diante do mundo (que leva à indiferença), do estado da “alma vazia” ou ainda, repleta de nada; e no divórcio³ — estes estágios da postura absurda de Meursault (protagonista da obra) referem-se a uma postura sem sentido normativo no romance de Camus. No primeiro estágio que se encontra na primeira parte da obra, Meursault se mostra alheio e estranho ao que lhe acontece, levando à indiferença frente aos acontecimentos cotidianos, ao que lhe acomete, esta indiferença é uma negação dos valores, e ao mesmo tempo, a indiferença demonstrada remete a um completo vazio axiológico, que por conseguinte, retrata o estranhamento perante aqueles que o julgam; este estranhamento perante o mundo (da “nadição” dos ideais frente a promessa transcendente) caracteriza

³ “Esse divórcio entre o homem e sua vida, entre o ator e seu cenário, é propriamente o sentimento do absurdo”. (CAMUS, 2019, p. 21).

o absurdo que se faz uma negação de uma significação mais elevada para a limitação da contingência do mundo. No terceiro estágio referente ao divórcio, que é ao mesmo tempo um absurdo existencial, a certeza da morte, o futuro absurdo, ou ainda nas palavras de Meursault “o amanhã” carrega não apenas o primeiro e segundo estágio, mas uma maneira de evidência mesma da morte e na admissão da ausência de sentido tanto do homem quanto do mundo – tanto Dostoiévski quanto Schopenhauer, concordariam que entre a decisão de morrer hoje ou amanhã não haveria diferença valorativa–, *O Estrangeiro*, é a composição da expressão do absurdo filosófico na construção filo-literária camusiana, evoca o ensaio *O mito de Sísifo* como um correspondente da sua literatura descritiva, não tão somente ao que se refere ao vazio axiológico, como também referente ao divórcio, estranheza e indiferença ao cotidiano, ao arbitrário da existência.

A indiferença aqui retrata a postura absurda, trata-se da inabilidade humana em lidar com a ação sem um preparo prévio. Como viver, portanto? Qual a prescrição dada ao espírito em seu nascimento? Uma resposta que o mundo não fornece. Este estranhamento do cotidiano da existência, perante o mundo e pelo seu caráter negativo, pelos fatos isolados que não fornecerem uma prescrição, a liberdade pela decisão definitiva do sujeito se encontra em suas próprias mãos. O sujeito deve decidir como agir, e não há regra fixa.

Neste cenário, a postura existencial é suplantada pelo absurdo no estranhamento entre o sujeito representante e o fenômeno da representação limitada, ao mesmo tempo em que é um homem concreto, o homem jogado no mundo. Meursault diante da morte de um próximo não coloca razão no acontecimento e se faz alheio, esta indiferença absurda que contraria a normalidade, indiferença do ser do fenômeno, o fenômeno do que é percebido não detêm de importância, na negação de um sentido: um dos traços deste *homem absurdo*.

Ser estrangeiro da ideia absurda do conhecimento de um significado. Este traço que se repete no romance, no cotidiano. Após o enterro da mãe, o olhar indiferente que Meursault lançava ao mundo, e ainda, especificamente a aqueles que dirigiam-se a algum lugar, enquanto observava da janela os *restos de vidas*

humanos. No momento em que Meursault assassina um árabe na praia a mesma narrativa se consolida, pois o árabe, no caso a vítima, não dispõe de nome e é apenas *alguém* indefinido, de uma maneira vaga de ser no mundo, não registra traços, expressões, apenas assassina um sujeito e quando julgado é interrogado a respeito da motivação Meursault aparentemente não entende, diz que foi “por causa do sol”, mas não há subterfúgio, assim como a vida leva à morte. O que fazer com a vida? Eis a questão que leva à renúncia ou aos desertos da prescrição objetiva. O traço da absurdidade⁴ frente aos acontecimentos e relações. Ressaltar ou evidenciar um truísmo na qual o caráter absurdo da relação é aquela postura na qual se mantêm o apartamento, o hiato dentre o homem e o mundo.

O homem que carrega em si as mais diversas faces do absurdo, desde a indiferença, o estranhamento e o divórcio. Meursault em primeira instância se mostra calado⁵ e sem ação aparente frente ao mundo que o cerca, nega valores e não dispõe de esperança ou crenças, não é fiel a moralidades em suas ações. Para este homem, tudo no mundo é um fato, e a morte, um fato natural. O que o envolve é uma tinta opaca e monótona, com um destino inevitável e independente, onde o mito não deixou de possuir realidade.

Quando Meursault é interrogado a respeito da morte do árabe e dos motivos que o levaram a isto, o árabe – aquele sem nome–, onde na narrativa do acontecimento este não detêm de singularidade, o advogado diz a Meursault que ele demonstrou provas de “insensibilidade”, desta visão ainda da vida de Camus de um período marcado pela guerra, de uma filosofia do apocalíptico; o estado de guerra rouba a afetividade, daí a indiferença, um sentimento que não leva à ação,

⁴ “‘É preciso ser absurdo’, escreve um autor moderno, ‘não se deve ser ludibriado’. As atitudes de que trataremos só podem adquirir todo o seu sentido com a consideração de seus contrários. Um extranumerário dos Correios é igual a um conquistador se a consciência lhes é comum. Quanto a isso, todas as experiências são indiferentes. Ocorre que elas servem ou desservem o homem. Só o servem se ele é consciente. Se não, isso não tem importância: as derrotas de um homem não julgam as circunstâncias, mas ele próprio” (CAMUS, Albert. O mito de Sísifo. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013, p. 43)

⁵ Escreve Camus: “um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões ou de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro” (Camus, 2019, p. 21)

que antes de tudo, apavora. No tocante ao assassinato, quando Meursault é interrogado pelo juiz referente aos motivos reais que o levou ao crime e ainda sobre os pormenores de Meursault ter atirado no árabe. Meursault não soube responder, o juiz neste momento alterado mostra um crucifixo de prata e diante de posturas exaltadas, pergunta a Meursault se acredita em Deus. E ele responde que não, o juiz afirma que não acreditar em Deus é viver uma vida sem sentido. Demonstra-se aqui a postura da negação dos valores, mas o que é um valor significativo? Causa o estranhamento perante aqueles que atribuem significados às suas existências, criar um sentido não seria assassinar a razão? Não seria, pois, a significação uma constatação da sua inexistência? Mesmo que superficiais, os significados atribuídos revelam uma contradição inerente entre a ação e os fatos. O estranhamento é ao mesmo tempo o sentimento da ilogicidade da existência do próprio estrangeiro, do sujeito que vem de outra constituição, de uma geografia indefinida, estrangeiro do próprio sentido de existência. Camus chamava a isto de absurdo. O absurdo, caracterizado pela admissão da ausência de sentido, se torna uma filosofia. Implica uma diferenciação do niilismo no qual há a negação total, o homem absurdo apesar de adotar uma postura que não admite os valores, os sentidos inventados, não nega a vida, procura a lógica que faça ir até o fim sem a renunciar, não há lógica que permita afirmar que a negação do sentido leve inevitável e invariavelmente ao suicídio. Visto que o homem difere do mundo e o divórcio “entre o ator seu cenário” é iminente. Esta é a diferença entre Odisseu e Raskolnikov; entre Ifigênia, na literatura clássica, e Meursault, na literatura moderna.

O absurdo é um divórcio que nos separa do mundo na medida em que nos relacionamos com ele, uma dialética pela qual a consciência interna se opõe à materialidade externa, mas que nos circunda, onde se apresenta de tal maneira que demonstra a incapacidade do mundo enquanto determinação concreta de fornecer algum sentido viável para a ação e para a permanência.

O absurdo é, ao mesmo tempo, o divórcio entre o significante e o significado, onde a metafísica chega a ser tão real quanto o mito. A literatura enquanto componente descritivo recorre às oposições, porque não pode fugir delas, dos enigmas da consciência, assim como um artista exterioriza um ideal em uma forma

particular plástica, e se sabe tão diferente dela, a literatura fornece os exemplos descritivos dos problemas da consciência filosófica. Séries de representações pelas quais o problema é suscitado, se ele é inadmissível ou rejeitado pela ciência natural como uma questão sem solução, através da literatura elas são apresentadas, o enigma se coloca como a aporia do limite da explicação. O romance de Camus retrata a absurdidade da fatalidade da ausência de significação clara; absurdidade como problema filosófico de um homem condenado à morte, mas que pode ver na própria aniquilação uma solução. E estamos todos condenados à morte, argumentam seus personagens, condenados pela determinação material: o absurdo é a consciência de um limite inerente na razão humana, que ao sujeito lhe é estranho e o esmaga.

Referências

- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Riotman e Paulina Wacht. 12. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2019
- CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- CAMUS, Albert. *A inteligência e o cadafalso e outros ensaios*. Trad. Manuel da Costa Pinto e Cristina Murachco, 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Records, 2011
- HEGEL, G. W. F. *Estética*; tradução de Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães Editores. 1993 (Coleção Filosofia & Ensaios).
- SCHOPENHAUER, A. *Metafísica do amor*, metafísica da morte. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Submissão: 25. 03. 2024 / Aceite: 05. 05. 2024.